



11 DE JUNHO

SESSÃO MAGNA

Neste ano, em função da pandemia da COVID-19, o evento que comemorou o 156º aniversário da Batalha Naval do Riachuelo e o 137º aniversário do Clube Naval não foi realizado em seu formato tradicional. No lugar dos alegres encontros realizados em “11 de junhos” anteriores, uma cerimônia restrita a autoridades militares e membros da Diretoria, para uma homenagem so-

lene àqueles que foram os heróis de um dos mais gloriosos episódios da história naval brasileira bem como a este clube de tão notáveis tradições.

Após declarar aberta a Sessão Magna, o então Presidente do Clube Naval, Alte Esq (Ref) Eduardo Monteiro Lopes, convidou o CMG (RM1) Claudio da Costa Braga para proferir a alocução alusiva à data. Houve ainda a premiação do Concurso “Marquês



A Sessão Magna, presidida pelo Alte Esq (Ref) Eduardo Monteiro Lopes, teve como convidados para compor a Mesa o Comandante da Marinha, Alte Esq Almir Garnier Santos, o Presidente eleito Alte Esq (Ref) Luiz Fernando Palmer Fonseca, o Presidente do Clube Militar, Gen Div Eduardo José Barbosa, o Presidente do Clube de Aeronáutica, Maj Brig do Ar Marco Antonio Carballo Perez, o ex-Ministro da Marinha, Alte Esq (Ref) Alfredo Karam, e o 1º Secretário do Clube, CMG (Ref) Mario Augusto Lisboa Quadros.

de Tamandaré”, destinado aos oficiais da Marinha do Brasil, que nesta edição teve o tema “Política de Defesa e Política Externa”, e a posse da Diretoria eleita para o biênio 2021/2023.

Dando prosseguimento à Sessão Magna, os presentes se dirigiram ao Salão dos Conselheiros para uma confraternização que, apesar de bem mais simples do que as realizadas nos anos anteriores, permitiu ao Clube Naval cumprir sua tradição iniciada desde o ano em que foi fundado, enchendo de orgulho toda a Família Naval.



*Alte Esq (RM1) Leal Ferreira,
Alte Esq (Ref) Monteiro Lopes,
Alte Esq (Ref) Moura Neto,
Alte Esq (RM1) Ilques,
Alte Esq (Ref) Karam e
V Alte (Ref) Wollstein*



*O vencedor do
Concurso “Marquês
de Tamandaré” 2021,
CT (FN) Esley Rodrigues de Jesus Teixeira,
entre o ex
e o atual Presidente.
À direita, recebendo o
prêmio das mãos do
Comandante da
Marinha*



*CMG (RM1) Mario Costa, V Alte (Ref) Veiga Cabral, CMG
(Ref-IM) Jaime, V Alte (Ref) Elia e C Alte (Ref-IM) Lima*



*CMG (Ref) Quadros, CMG (RM1-T) Raquel,
CC (RM1-T) Ana Cláudia, CC (RM1-T) Ana Dadoorian
e V Alte (Ref) Lawrence*

As alocações que se seguem foram proferidas no Salão Nobre do Clube Naval durante a solenidade comemorativa do **11 de Junho**.

Alocação do Capitão de Mar e Guerra (RM1) Claudio da Costa Braga

RIACHUELO E O ALMIRANTE BARROSO

Minhas primeiras palavras são de agradecimento ao Almirante Nigro, por privilegiar-me com o convite para proferir esta alocução comemorativa dos 137 anos de aniversário do Clube Naval e, em especial, dos 156 anos da Batalha Naval do Riachuelo, Data Magna da Marinha do Brasil.

Um dos sentimentos mais nobres do ser humano é a gratidão. E a gratidão aos nossos heróis é uma atitude que a Marinha do Brasil nunca deixou de cultivar. Aproveito para enaltecer nosso Clube Naval que, incansavelmente, desde a sua fundação, estimula e oferece oportunidades para que esse sentimento de gratidão seja aplicado. Atitude de humildade, respeito e reverência aos bravos que, em 11 de junho de 1865, lutaram e tombaram em defesa da Pátria. Como seria importante que os valores cultuados nessa batalha fossem de conhecimento de cada estudante e de todos os brasileiros.

Sinto enorme orgulho e um prazer muito grande em poder estar aqui neste púlpito, já ocupado por tantos destacados chefes navais. Ao mesmo tempo, me vi envolvido em um dilema: o que falar de assunto já tão bem explanado, com variadas abordagens, pelos meus ilustres antecessores e não me tornar enfadonho e redundante ao relatar fatos já de profundo saber de tão seleta plateia, conhecedora da cultura e história naval?

Optei por não me deter em fatos da batalha em si, mas em abordar aspectos humanos e pouco explorados da vida gloriosa de seu personagem principal, o Chefe de Divisão Francisco Manuel Barroso da Silva, Comandante da Divisão de navios na Batalha Naval do Riachuelo e, com grande orgulho, o Patrono da Cadeira que ocupo no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB).

E o faço ressaltando, também, que nunca deverão ser esquecidos outros heróis como os Guardas-Marinha Francisco José de Lima Barros e João Guilherme Greenhalgh, o Marinheiro Marcílio Dias, o Tenente

Voluntário da Pátria Pedro Afonso, todos personagens representativos de tantos outros heróis, incógnitos, que participaram da batalha, dando a própria vida para vencê-la.

Considero importante ressaltar, inicialmente, quatro questões:

1. O que pretendia Francisco Solano Lopes, ditador paraguaio?

O Paraguai vinha apresentando um grande período de desenvolvimento e o governo Solano Lopes tinha ambição de ter voz preponderante na região do Rio da Prata, tendo para isso formado um Exército na ordem de 80 mil homens, em uma população de 450 mil pessoas. Desde a época do General Artigas (uruguaio) existia a ideia da criação de uma Confederação composta pelo Paraguai, as Províncias de Corrientes e Entre Rios e o Uruguai.

2. Por que a Tríplice Aliança - Brasil, Argentina e Uruguai?

Solano Lopes apoiava o Partido Blanco no Uruguai, que vinha perseguindo fazendeiros brasileiros que possuíam terras fronteiriças no Uruguai. O Brasil apoiava o General Venâncio Flores, do Partido Colorado, que inicia uma luta pelo poder, partindo do Rio Grande do Sul com suas tropas. O Partido Blanco é derrotado e o General Venâncio Flores assume o governo, contrariando as pretensões paraguaias.

As Províncias de Entre Rios e Corrientes do General Urquiza (argentino) não corresponderam às pretensões de Lopes sendo, então, invadidas.

Com o Brasil também existiam pendências de fronteira com o hoje Mato Grosso do Sul.

O Tratado da Tríplice Aliança estabelecia:

- o fim da ditadura de Francisco Solano Lopes;
- solução definitiva de problemas de fronteira;
- restabelecimento da livre navegação nos rios da

região; e

- que a guerra não seria travada contra o povo paraguaio e sim contra seu governo.

3. Por que a vitória na Batalha Naval do Riachuelo foi tão importante?

A vitória em Riachuelo foi um ponto de inflexão da guerra. A partir dela se interrompe o avanço de Solano Lopes sobre o território nacional, propiciando aos países da Tríplice Aliança saírem de uma postura defensiva para uma ofensiva mais favorável, passando o Teatro de Operações Principal a ser posicionado fora do nosso território. Após a vitória, a Tríplice Aliança passaria a ter o controle estratégico da foz do Rio da Prata, interrompendo o fluxo logístico ao nosso oponente, prejudicando sensivelmente seu esforço de guerra, até aquele momento favorável a Solano Lopes.

Riachuelo não significou apenas uma grande batalha; mas a vitória da guerra, a soberania do Império e o destino da Pátria. Em um momento de grande perspicácia, com muita perícia e ações ousadas e inesperadas, que só um grande marinheiro como Barroso possuía, a força naval paraguaia foi aniquilada.

4. Como seria geograficamente o Brasil caso tivéssemos perdido a guerra?

Com certeza não fariam parte o atual estado do Rio Grande do Sul e parte de Mato Grosso do Sul, regiões das mais promissoras do nosso país.

Essa guerra é considerada pelos historiadores e estudiosos como a primeira expressão do sentimento de nacionalidade e brasilidade de nossa nação. O primeiro movimento nacionalista vivido pelo Império. O ataque de Solano Lopes foi considerado como uma atitude traiçoeira, despertando em toda a população, de norte a sul do país, uma vontade para reprimir, combater e derrotar o invasor. Destaco que mesmo com a vitória, D. Pedro II não permitiu que nenhum pedaço do território paraguaio fosse ocupado pelos países da Tríplice Aliança, como recompensa de guerra.

Após essas simples explicações, vou me dedicar a apresentar dados e fatos pouco conhecidos do nosso herói nacional.

Quem era Francisco Manuel Barroso da Silva?

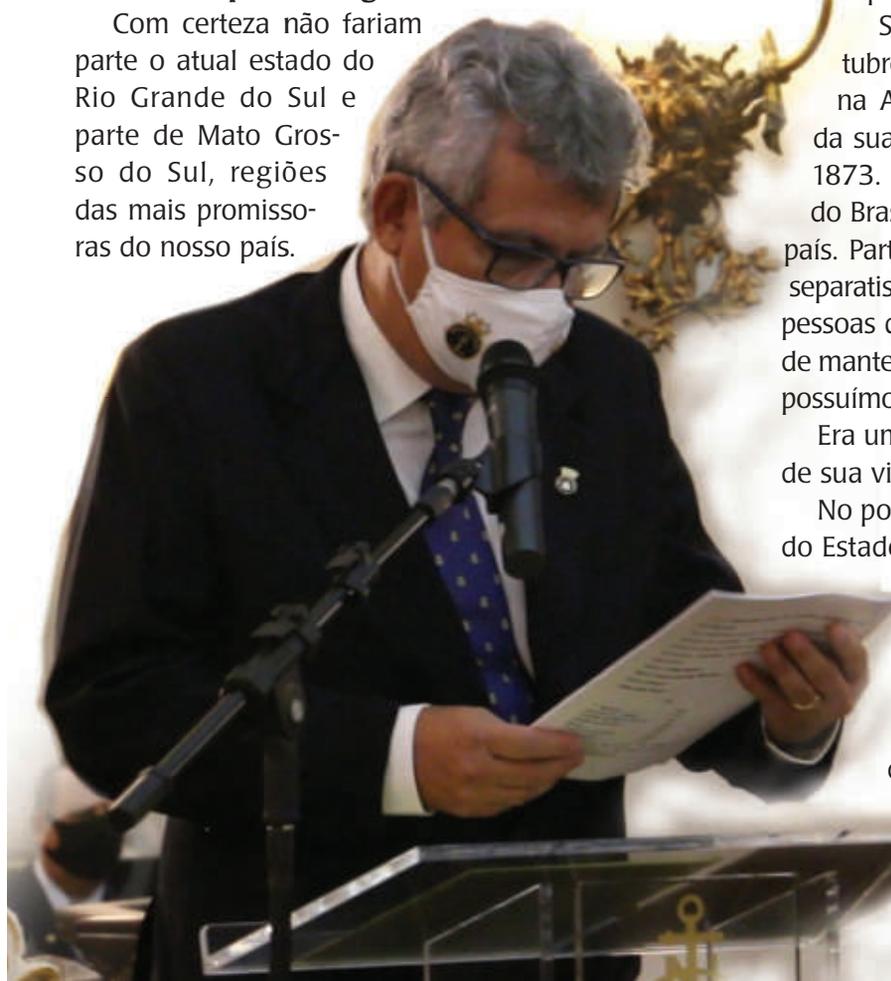
Nasceu em Lisboa, em 29 de setembro de 1804. Faleceu em Montevidéu, em 8 de agosto de 1882, com quase 78 anos completos. Filho do Tenente Coronel Teodoro Manuel Barroso e de D. Antônia Joaquina Barroso da Silva, ambos portugueses.

Sua história em nosso país inicia-se em 1808, com a chegada ao Brasil, aos três anos de idade, juntamente com seus pais, acompanhando a Família Real portuguesa, fugidos da ocupação de Portugal por tropas napoleônicas.

Sua vida na Marinha iniciou-se em 15 de outubro de 1821, como Aspirante a Guarda-Marinha, na Academia de Marinha, encerrando-a quando da sua reforma como Almirante, em 9 de maio de 1873. Barroso viveu uma fase marcante da história do Brasil, quando de nossa formação como nação e país. Participou de diversas repressões a movimentos separatistas de nosso território, compondo um grupo de pessoas que se destacaram no esforço, bem-sucedido, de manter a integridade do território nacional que hoje possuímos, tendo participação especial nesse legado.

Era um “homem do mar”, tendo passado boa parte de sua vida sobre um convés.

No posto de Chefe de Divisão, foi designado Chefe do Estado Maior das Forças Navais em Operações no Rio da Prata e Comandante da Segunda Divisão dessas Forças, sob a chefia direta de seu amigo de infância, o Visconde de Tamandaré (visconde em 18 de fevereiro de 1865). Estaria o Império do Brasil depositando em dois de seus maiores expoentes navais a responsabilidade para o enfrentamento



à agressão impiedosa das tropas de Francisco Solano Lopes ao nosso país.

Na foz de um pequeno riacho – Riachuelo, na confluência com o Rio Paraná, em 11 de junho de 1865, travaria contra força naval paraguaia uma batalha cuja vitória assinalaria um ponto de inflexão no encaminhamento da guerra, sendo hoje considerado um dos maiores feitos da história naval brasileira.

Hoje, o “**11 de junho**” é reverenciado como “**Data Magna da Marinha do Brasil**”.

Durante a guerra, demonstrando humildade e exercendo seu espírito de liderança, não foram poucas as vezes em que Barroso era visto preparando munição para as espingardas dos fuzileiros navais embarcados. Em vários momentos da guerra dormia no passadiço, quando existia uma ameaça de ataque inimigo, mesmo que pequena.

Assim escreveu Tamandaré para Barroso, respondendo a notificação da vitória em Riachuelo: “...a esplêndida vitória alcançada por V.Exa. constitui o mais brilhante triunfo das armas imperiais. O heroico procedimento de V.Exa. naquela memorável jornada e o de seus comandados foi um exemplo dignificante e magnífico para futuros esforços dos nossos irmãos de armas.”

Na abordagem da sua vida particular e familiar, destacarei os aspectos do ser humano, pouco descritos e estudados e, com certeza, a base e a segurança para o seu desenvolvimento profissional, tão importantes quanto o seu lado militar que mais se destaca.

Casou-se a 16 de julho de 1843, em Montevidéu, com a Sra. Carmem Alvarez e tiveram dois filhos naturais: Isabel e Alejandro. Entretanto, seu primogênito, Enrique Francisco, fora por eles adotado já com sete anos o qual, entre suas maiores recordações, destaca a forma carinhosa com que era tratado.

Barroso e Tamandaré tinham forte amizade e se tratavam como irmãos. O primeiro encontro entre eles aconteceu nas aulas de inglês do Padre Trilby, na rua General Câmara, Centro – na Corte – Rio de Janeiro, e prolongou-se por toda a vida.

Nas correspondências entre os dois, Barroso sempre começava com as palavras “*My brother*” ou “*Dear brother*” ou então “*Lisboinha*”¹¹, reminiscência da forma

de tratamento que Cochrane e Taylor se referiam ao jovem Joaquim.

Uma das grandes recordações de Barroso no relacionamento com Tamandaré referia-se à época em que ambos lutaram juntos na Revolta dos Cabanos, no Pará. Em um momento de folga, foram ambos, a nado, reconhecer uma ilha no rio Tocantins.

De volta da ilha, nadando contra a correnteza, Barroso começou a se afogar. Tamandaré observando as dificuldades do amigo mandou-o que se apoiasse em seu ombro e não fizesse movimentos. Barroso chegou a dizer para deixá-lo e procurasse se salvar. Tamandaré,



Almirante Barroso em três momentos

como excelente nadador, levou ambos ao porto seguro. Barroso, pouco antes de morrer, iria mencionar: “Eu devo a vida a meus pais e ao Lisboinha.”

Barroso nadava muito mal, assim permanecendo por toda sua vida. D. Euphrasia, filha de Tamandaré, anos mais tarde, assim se referia ao tio Barroso: “quase alto, forte, ombros largos, completamente encarnecido, corado, olhos azuis, muito calmo, até no falar, amando a convivência, homem de salão, maneiroso, gentil com as damas, par incansável nos bailes, sobretudo extremamente bom, falando com doçura às mais humildes criaturas. Cercado de moças, brincava, ria, com bom humor e graça que nunca lhe faltaram. Estava sempre apumado e trajando seu elegante uniforme com esmero. Era um homem justo e bondoso.”

Uma das expressões de humor do Almirante Barroso foi quando, já no final da sua vida, a Marinha o homenageava dando seu nome a um novo navio, o Cruzador *Barroso*. Na cerimônia ele teria dito a seguinte frase: “Lançaram-me hoje ao mar: estou mal, porque não sei nadar.”

Depois da guerra, Barroso viveria entre o Rio de

Janeiro e Montevidéu e quando no Rio, sempre hóspede de Tamandaré.

Quando a catarata lhe apagou a visão, afastando-o das lides marinheiras e obrigando-o a se reformar, a sua resignação foi admirável: tecia redes de linha para matar o tempo. Fez uma cirurgia aqui no Brasil, na capital do Império, sem resultados satisfatórios, obtidos, parcialmente, quando realizada na Europa.

No seu retorno permaneceu um bom tempo no Rio de Janeiro, adiando a sua ida para Montevidéu em quatro ocasiões. Parece que pressentia um fim próximo pois lá chegando logo morreria de pneumonia.

Nossa imagem de Barroso com barba refere-se aos seus últimos 15 anos, dos quase 78 vividos. Sempre teve seu rosto barbeado. Entretanto, a sua ida para a Guerra da Tríplice Aliança fora acompanhada do crescimento de sua barba, pois nunca mais se afastou dela.

A sua personalidade de líder e chefe naval, e de trato com afeição e bondade aos subordinados ficam bem registradas quando em um momento final de sua vida expressou: “Sabe o que eu considero a minha maior glória na vida militar?” E em seguida completou: “Foi de ter ido de aspirante a almirante sem fazer mal a ninguém.”

Em 3 de janeiro de 1866 foi agraciado com o título nobiliárquico de Barão do Amazonas, com grandeza.

Terminada a guerra, o Império do Brasil possuía a 5ª maior Marinha do mundo, só suplantada pelas do Reino Unido, Rússia, Itália e Estados Unidos. Uma Força Naval respeitável com 94 belonaves, das quais 16 encouraçados, com marinheiros e fuzileiros treinados na guerra real.

Os países para serem respeitados e independentes devem ter poder de dissuasão, representados por seu Poder Militar somado à capacidade de possuir conhecimento e capacitação tecnológica que lhes permitam desenvolver um parque industrial respeitável e condizente, que os tornem o mais livre possível da dependência externa. Os países não defendem suas amizades, mas sim seus interesses. Hoje sabemos que Solano Lopes só nos atacou por avaliar que não tínhamos capacidade de dissuasão militar naval, encorajando-o a iniciar a guerra contra o Império, visando uma saída marítima. Por não estarmos preparados militarmente, em termos materiais e de pessoal, tivemos que despender esforços magníficos pois a derrota nos traria consequências nefastas.

Da mesma forma que fomos agredidos por Solano Lopes, podemos fazer uma analogia simples com fato de nossa história recente.

Relembremos a atitude hostil da França ao Brasil na crise que ficaria conhecida como “A Guerra da Lagosta”. Dela, podemos considerar que depois da Guerra da Tríplice Aliança, a única Ativação ostensiva do poder naval no Brasil, com o propósito de defender a sua soberania, realizada sem a ajuda ou apoio militar de outro Estado, ocorreu durante esse conflito. E a Marinha do Brasil tinha a consciência de que lhe cabia a maior das tarefas e entendia que estava diante de grande privilégio, o de, na primeira linha, agir em nome da Pátria, em defesa de sua soberania.

Nas últimas décadas temos sido ameaçados, questionados verbalmente e ostensivamente por líderes mundiais, quanto à soberania brasileira sobre NOSSA AMAZÔNIA. Para nós é INACEITÁVEL em todos os aspectos e considerações. E o mais preocupante, nos dias atuais, ao contrário da conjuntura de união nacional na época da guerra contra Solano Lopes, é que ouvimos vozes dissonantes, dentro do próprio território nacional, em apoio às absurdas pretensões estrangeiras.

Uma força naval não se improvisa, tanto materialmente em decorrência do tempo necessário para a construção de navios e das necessidades de armamento, como de pessoal com capacitação adequada, teórica e prática no contato com o mar.

“Conheçamos e compreendamos a importância da nossa Marinha”

Ao me aproximar do término desta alocução, já com mais de 50 anos de serviço efetivo na Marinha do Brasil, posso constatar que a Marinha é depositária de tantas virtudes e valores que vêm sendo praticados e cultuados secularmente pelos nossos antecessores, e que já estão enraizados em nossa Instituição. Esse tem sido o maior legado deixado por companheiros que com lealdade, perseverança, honradez, coragem, dever, caráter e todas as demais virtudes da “Rosa das Virtudes” moldaram-na com princípios tão sublimes, deixando exemplos dos mais valiosos para nossas vidas, não somente dos heróis de Riachuelo, mas de todos os momentos vividos pela Marinha, desde a Independência.

É prazeroso terminarmos esta alocução exclamando a mensagem de Barroso: **“O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever.”** E que este chamado não seja entendido apenas como uma ordem, mas sim um clamor e uma semente de confiança que a Nação deposita em todos os seus filhos. É a esperança de um futuro melhor e que cada cidadão, na pureza destas

palavras, tenha o direito e a responsabilidade de avaliar o que pode oferecer, não só ao País, mas a nós mesmos como patriotas. Que esta mensagem não fique restrita apenas neste ambiente, mas que ecoe por todos os rincões deste maravilhoso Brasil, em todos os poderes da República e em todas as atividades deste país.

Que continuemos a nos manter inspirados nos exemplos de Barroso e Tamandaré, que contavam com uma mistura, quase paradoxal, de humildade pessoal e extrema dedicação profissional. Líderes que canalizaram suas ambições pessoais para além de si mesmos, no propósito maior de construir uma Marinha forte e preparada para os desafios e circunstâncias do seu tempo.

Amamos a paz, somos uma nação pacífica e democrática; mas é preciso exclamar para todas as direções e bem alto que ela não estará acima da honra e da dignidade humana e nem do direito de nos governarmos e de seguirmos livremente com os nossos ideais, sonhos e cultos.

Desejamos que nossos filhos e netos desfrutem de uma paz que não seja comprometida com a infâmia e a mentira, e que corresponda a todo nosso passado glorioso de luta pela liberdade.

Para atingirmos a paz que desejamos, precisamos seguir o exemplo do Almirante Barroso e, em certos momentos, tomarmos atitudes criativas com coragem, superação e, se necessário, totalmente fora dos padrões estabelecidos e esperados.

Viva o Clube Naval!

Viva a nossa querida Marinha!

Viva o Brasil!

Tudo pela Pátria!

Nota:

[1] Lisboinha era a forma carinhosa como Tamandaré era tratado por seus amigos mais próximos

Palavras de despedida do Almirante de Esquadra (Ref)

EDUARDO MONTEIRO LOPES

Primeiramente, permitam-me agradecer a presença do nosso Chefe, o Comandante da Marinha, o senhor Almirante de Esquadra Garnier. Sua presença, presidindo esta cerimônia, é uma honra para nós, Almirante.

Senhoras e senhores, mesmo considerando o momento atual, em que enfrentamos uma terrível pandemia, ainda que lamentando as mortes causadas pela doença, em especial de companheiros nossos, não podemos deixar de lembrar o dia de hoje: a Data Magna da Marinha. Há 156 anos, sob o comando do Almirante Barroso, foram dados memoráveis exemplos de bravura, heroísmo e abnegação pelos combatentes brasileiros. Desta data em diante, os nomes do Guarda-Marinha Greenhalgh, do Imperial Marinheiro Marcílio Dias e de muitos outros marujos, oficiais e praças, tornaram-se exemplos



do real significado do nosso juramento de "defender a Pátria com o sacrifício da própria vida".

É por dever de homenagear esses grandes homens, mesmo em meio à tristeza que toma nossos corações em virtude das perdas sofridas para a pandemia, que o Clube Naval se engalanou mais uma vez para, cumprindo sua centenária tradição, apresentar o tributo devido aos heróis de Riachuelo e ouvir a bela alocução do Comandante Costa Braga. Aliás, ao prezado Oficial apresento meus sinceros agradecimentos.

Anos após a Batalha Naval do Riachuelo, em 1884, o Clube Naval foi criado por iniciativa do Capitão de Fragata Luiz Phillippe de Saldanha da Gama. A Data Magna da Marinha, o 11 de junho, foi escolhida como a data oficial de criação do Clube de Oficiais da Marinha. Assim, além da reverência aos heróis de Riachuelo, também hoje comemoramos os 137 anos do Clube Naval. Completa-se a importância do dia por ser a data da posse da nova Diretoria. Unimos, desta forma, o passado heroico de Riachuelo ao presente da tradicional comemoração do nosso aniversário e ao futuro, a certeza de continuado sucesso do Clube, agora sob a direção do nosso novo Presidente.

Há dois anos, nesta mesma data, tive a honra de assumir a Presidência do Clube, substituindo meu antigo Comandante, o senhor Vice-Almirante (Ref) Rui da Fonseca Elia. Como tenho dito diversas vezes em diferentes ocasiões, recebi um Clube organizado e com robusta situação financeira, graças ao trabalho e à dedicação das diversas Diretorias que me antecederam. Por este motivo, a tarefa até parecia, razoavelmente, simples. Precisava apenas me dedicar à integração do Quadro Social, incrementar eventos sociais e não me descuidar das áreas cultural e esportiva. Lamentavelmente, logo ao início de 2020, fomos atacados pela terrível pandemia que ainda hoje restringe nossas atividades. Começaram tempos muito difíceis que exigiram decisões rápidas e duras, algumas aparentemente antipáticas. Vencer as dificuldades que se apresentaram somente foi possível graças a já citada boa condição financeira do Clube, aliada à enorme dedicação – exemplar dedicação – dos membros da minha Diretoria, ao apoio do Conselho Diretor e às orientações do Conselho Fiscal. Inestimável também o apoio recebido da quase totalidade dos nossos sócios, civis e militares, que mantiveram seus pagamentos, mesmo durante o tempo em que o Clube ficou fechado. Reaberto parcialmente o Clube, ressalto a paciência do Quadro Social pois decidimos executar uma série

de grandes obras nas nossas três sedes, aproveitando a redução da frequência, obras que, evidentemente, dificultavam a convivência nas dependências do nosso Clube. Não cabe aqui enumerá-las, mas foram muitas obras realizadas nas três sedes. Buscamos realizá-las mantendo o nível de excelência da apresentação em todas as nossas sedes.

Tive ainda a oportunidade de modernizar a gestão do Clube, padronizando processos, unificando bancos de dados, igualando procedimentos administrativos e buscando ainda melhorias na área financeira. É claro que essas alterações encontraram algumas resistências, notadamente de pessoas unidas ao passado, acostumadas a fazer sempre o mesmo, pessoas que têm medo daquilo que é novo. Tivemos sim algumas dificuldades de vencer ideias antigas, velhas posturas. Ao fim de algum tempo, explicando nossas intenções, aumentando o adestramento dos nossos funcionários, conseguimos implantar as mudanças necessárias. Tudo foi feito sem redução da indispensável autonomia dos diferentes setores, garantia da boa administração. Acredito que conseguimos elevar a um bom nível a gestão do nosso Clube e tenho certeza que, como aqui sempre acontece, futuras Diretorias corrigirão os eventuais erros por mim cometidos e continuarão a busca pela excelência. Nessa luta pela melhoria da nossa gestão e mesmo correndo o risco de ser repetitivo, não posso deixar de agradecer a todos os membros da minha Diretoria, absolutamente a TODOS, pelo apoio e ajuda inestimáveis, sempre com invejável dedicação ao Clube e confirmando a competência reconhecida de cada um e cada uma.

Ao final do mandato, atento aos princípios da renovação e da alternância, decidi não concorrer às eleições de 2021. Não foi uma decisão fácil, mas a dificuldade acabou sendo substituída pela satisfação de transmitir a Presidência do Clube Naval ao meu velho amigo, companheiro da Turma Visconde de Ouro Preto da Escola Naval, o senhor Almirante de Esquadra (Ref) Luiz Fernando Palmer Fonseca. Oficial reconhecidamente competente, conhecedor do Clube, ex-Presidente do Conselho Diretor, veleiro, depositário de tradição familiar de dedicação ao Clube Naval, o Almirante Palmer tem absolutamente todos os atributos para presidir o nosso Clube. Meu caro Almirante Palmer, passo-lhe a Presidência do Clube Naval, desejando ao amigo bons mares e bons ventos pela proa.

Muito obrigado! ■

LUIZ FERNANDO PALMER FONSECA

“Mais que um Clube, uma verdadeira Casa dos Homens do Mar.”

Encontro nessa singela sentença, constante da capa de antiga edição da *Revista do Clube Naval*, a essência da grandiosidade dessa Instituição, que foi fundada em 1884 com a finalidade de congregar aqueles que decidiram exercer no mar a carreira militar.

A partir desse nobre ideal, nosso Clube vem singrando exitoso no rumo da integração de homens e mulheres que um dia juraram defender a Pátria, balizado, desde a sua gênese, pelo culto aos mesmos valores, princípios e tradições de nossa gloriosa Marinha, à qual sempre estará umbilicalmente ligado.

Mesmo os tempos difíceis que vivemos não foram capazes de impedir que, mais uma vez, a 11 de junho, como tradicionalmente ocorre desde 1886, nesta Sessão

Magna comemoemos o Aniversário da Batalha Naval do Riachuelo, o 156º, e o Aniversário do Clube Naval, o 137º, dando seguimento a essa notável e secular união.

Grandes são, portanto, meu sentimento de honra e a noção de responsabilidade ao assumir o leme de barco portador de mais de um século de relevantes serviços prestados à nobre classe dos oficiais de Marinha e ao País.

“Conduzir o Clube Naval é como navegar para o bom destino, aproveitando os ventos favoráveis e enfrentando o mau tempo. Mudam-se os timoneiros, mantêm-se o rumo!”, assim se manifestou o saudoso Comandante Ney Dantas no segundo volume da história do Clube, ao enfatizar a responsabilidade de governá-lo, responsabilidade enormemente aumentada pelo êxito de meus antecessores, que souberam nas calmarias e nas tempestades navegar nosso barco por águas seguras. A eles externo meu sincero e respeitoso reconhecimento.

Além de um reconhecimento, um agradecimento deixo aqui registrado ao meu colega da Turma Visconde de Ouro Preto, Almirante de Esquadra (Ref) Monteiro Lopes. O reconhecimento do êxito de seu governo ao timão, eu o faço afirmando que procurarei dar continuidade às importantes medidas implantadas durante a sua singradura. Meu sincero agradecimento, eu o expresso em razão das difíceis decisões que fez questão de tomar para que este seu amigo pudesse navegar com mais barlavento. Muito obrigado!

Entendo que alguns imperativos se fazem presentes na condução do Clube nos dias de hoje. O primeiro é a necessidade da percepção por parte dos nossos jovens oficiais das virtudes de pertencer a uma entidade de classe cujos valores e cultura organizacional são os mesmos da profissão que por vocação abraçaram. O espírito de Praça d’Armas que tanto nos une e engrandece a bordo dos navios é o mesmo que deve motivá-los, em âmbito mais abrangente, a compor o Quadro Social da instituição que congrega nossa gente.

O Clube Naval é uno e indivisível! Coerente com essa realidade estatutária e em consonância com as boas normas de gestão, impõe-se a supervisão integrada e o



aprimoramento dos mecanismos de controle interno e de gestão de riscos, iniciativas tão bem encaminhadas na gestão que ora se encerra.

Essenciais têm se mostrado ao longo dos anos e continuarão a sê-lo com mais intensidade as atuações dos Conselhos Diretor e Fiscal. Cada vez mais a harmonização e o equilíbrio das ações dos órgãos executivos com as deliberações emanadas daqueles Conselhos se fazem necessários em prol da transparência e da satisfação dos que representam a razão de ser do Clube, quais sejam, seus associados.

A aproximação com o Clube Militar e com o Clube de Aeronáutica, que deu origem, há quase trinta anos, à Comissão Interclubes, prossegue mostrando-se relevante para o equacionamento de questões comuns aos respectivos corpos sociais, assim como para o

estritamento dos laços de estima, camaradagem e solidariedade, para o rechaço às agressões aos princípios, cultura e tradições militares, e para a defesa dos interesses da nossa classe e da democracia no País.

Conforme estatuído, nesta Sessão também tomam posse os membros da Diretoria e os Conselheiros dos Conselhos Diretor e Fiscal, que formaram comigo a chapa “Nosso Clube”. A todos os senhores e aos funcionários, manifesto meu orgulho em tê-los como companheiros na travessia que hoje se inicia e meu sentimento de que com confiança mútua, honestidade de propósito e equilíbrio estaremos bem-dotados para levá-la a bom termo, dando continuidade ao magnífico roteiro até hoje empreendido por esta verdadeira Casa dos Homens do Mar! ■

Palavras do Comandante da Marinha, Almirante de Esquadra

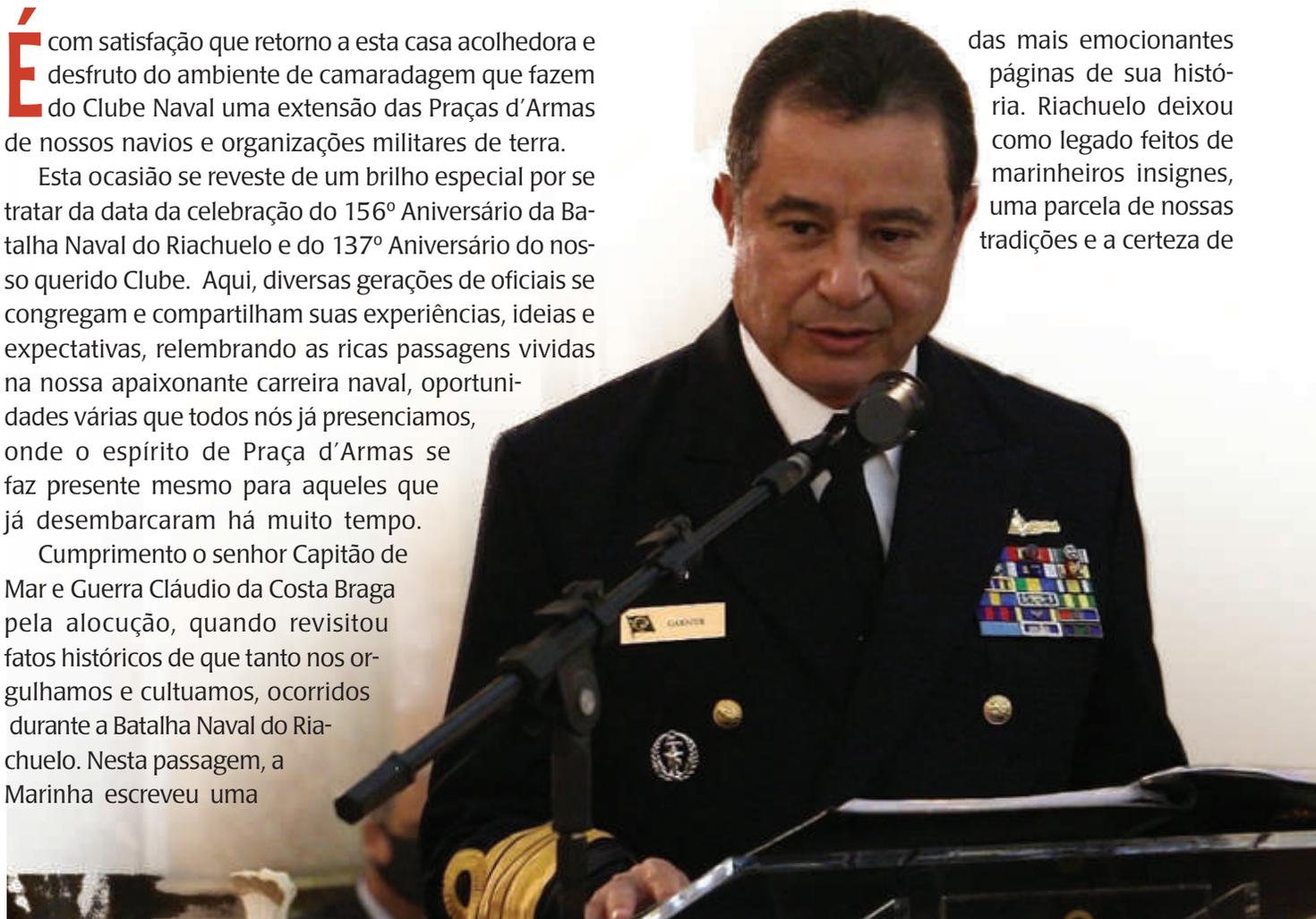
ALMIR GARNIER SANTOS

É com satisfação que retorno a esta casa acolhedora e desfruto do ambiente de camaradagem que fazem do Clube Naval uma extensão das Praças d’Armas de nossos navios e organizações militares de terra.

Esta ocasião se reveste de um brilho especial por se tratar da data da celebração do 156º Aniversário da Batalha Naval do Riachuelo e do 137º Aniversário do nosso querido Clube. Aqui, diversas gerações de oficiais se congregam e compartilham suas experiências, ideias e expectativas, relembando as ricas passagens vividas na nossa apaixonante carreira naval, oportunidades várias que todos nós já presenciamos, onde o espírito de Praça d’Armas se faz presente mesmo para aqueles que já desembarcaram há muito tempo.

Cumprimento o senhor Capitão de Mar e Guerra Cláudio da Costa Braga pela alocução, quando revisitou fatos históricos de que tanto nos orgulhamos e cultuamos, ocorridos durante a Batalha Naval do Riachuelo. Nesta passagem, a Marinha escreveu uma

das mais emocionantes páginas de sua história. Riachuelo deixou como legado feitos de marinheiros insignes, uma parcela de nossas tradições e a certeza de



que a Marinha do Brasil é capaz de responder aos anseios da nação, sejam eles quais forem. Além disso, tivemos toda uma iluminação sobre a personalidade do grande chefe naval Almirante Barroso. Nesta ocasião, também agradeço ao prezado Almirante de Esquadra (Ref) Eduardo Monteiro Lopes, ilustre chefe naval, pelo trabalho realizado no período em que esteve como Presidente do Clube. O trabalho de Vossa Excelência e de sua Diretoria contribuíram para que o nosso Clube se mantivesse como referência no Rio de Janeiro, com instalações bem cuidadas e com uma relação extensa de opções de lazer, cultura e esporte, dignos de um clube de alto nível que se orgulha ao celebrar o seu 137º aniversário.

Prezados amigos de Praça d'Armas, o mar e os rios exercem forte influência nos destinos do nosso Brasil. Eles foram a via do descobrimento e neles lutamos

pela integridade do território e pela consolidação da nossa independência. Hoje, detemos a jurisdição de 5,7 milhões de Km² de água salgada e de 60 mil Km de vias fluviais, as quais configuram a nossa Amazônia Azul, por onde mais de 95% de nosso comércio exterior trafega e cerca de 95% do petróleo nacional é extraído. Sendo, ainda, acervo de incalculáveis recursos vivos, minerais e sítios ambientais com a existência de estratégicos portos, centros industriais e de energia. Tudo isso, um trabalho de marinheiros e vários abnegados de diversos setores. A Amazônia Azul é patrimônio nacional, fonte de riqueza e cobiça a ser protegido, pela Marinha do Brasil e por todos os patriotas brasileiros. Para isso, nos estruturamos em torno de programas estratégicos que, associados à gestão focada em prioridades, visam assegurar, mesmo diante de possíveis cenários de restrições orçamentárias, que nossa Força



siga honrando as gerações de marinheiros que nos antecederam e gozando do mais alto conceito perante a nossa sociedade. Tal visão é que me anima a continuar essa missão que iniciei recentemente.

Sob o ponto de vista econômico, uma das características dos nossos programas é o potencial para alavancar o desenvolvimento da indústria naval e dos segmentos correlatos, favorecendo o estabelecimento de *cluster* marítimos, com geração de empregos qualificados, diretos e indiretos, e com arrecadação de impostos.

A Marinha segue no combate. Não paramos. Os desafios trazidos pela pandemia estão sendo sobrepujados. Estamos assistindo a Família Naval e apoiando o Ministério da Defesa e o Governo Federal com ações de descontaminação, transporte de material, vacinação, dentre muitas

outras atividades. Firmes no propósito de proteger as nossas riquezas e de cuidar da nossa gente.

Antes de encerrar minhas palavras, parabênzo o Capitão Tenente (FN) Esley Rodrigues de Jesus Teixeira, vencedor do Concurso "Marquês de Tamandaré" 2021. Seu sucesso nos deixa a certeza de que devemos seguir investindo forte na preparação dos oficiais mais jovens, das nossas praças e dos nossos servidores civis pois, assim, a Marinha do futuro continuará em boas mãos.

Por fim, desejo ao Almirante de Esquadra (Ref) Luiz Fernando Palmer Fonseca, muito sucesso nessa missão que hoje se inicia. Tenho a certeza que sua vasta cultura, inteligência e, mais do que tudo, habilidade interpessoal, facilitarão a obtenção dos resultados esperados pelo novo timoneiro do Clube Naval. Que Deus o ilumine, Almirante. Bons ventos e mares tranquilos. Viva a minha, a sua, a nossa Marinha. ■

